

**60 ANOS DO GOLPE MILITAR: MEMÓRIAS E CONTROVÉRSIAS NO TIKTOK****60 YEARS OF THE MILITARY COUP: MEMORIES AND CONTROVERSIES ON TIKTOK**

DOI 10.5281/zenodo.15118120

Gabriel Antonio Butzen<sup>1</sup>  
Tereza Maria Spyer Dulci<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo analisa como a extrema direita brasileira utiliza o TikTok para disseminar narrativas sobre a ditadura militar, investigando a construção da memória no contexto digital e o papel das redes sociais na polarização política. A pesquisa utiliza a metodologia netnográfica para examinar vídeos e hashtags relacionados ao tema, propondo uma tipologia de conteúdos. Os resultados indicam que, embora o TikTok facilite a disseminação de discursos apologéticos, ele também pode servir como ferramenta para promover um debate crítico.

**Palavras-chave:** Ditadura militar. TikTok. Memória histórica.

**Resumen:** Este artículo analiza cómo la extrema derecha brasileña utiliza TikTok para difundir narrativas sobre la dictadura militar, investigando la construcción de la memoria en el contexto digital y el papel de las redes sociales en la polarización política. La investigación utiliza la metodología netnográfica para examinar videos y hashtags relacionados con el tema, proponiendo una tipología de contenidos. Los resultados indican que, aunque TikTok facilita la difusión de discursos apologéticos, también puede servir como herramienta para promover un debate crítico.

**Palabras clave:** Dictadura militar. TikTok. Memoria histórica.

---

<sup>1</sup> Doutorando no Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIS) na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5521007909556853>. Bolsista da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: [gabrielantoniobutzen@gmail.com](mailto:gabrielantoniobutzen@gmail.com). Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0001-9009-4757>

<sup>2</sup> Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Professora da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3991418591681661>. E-mail: [terezaspyer@gmail.com](mailto:terezaspyer@gmail.com). Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-3891-2577>.

## Introdução

Em 2024, o Brasil completou 60 anos do golpe militar de 1964, evento que instaurou um regime autoritário que durou 21 anos (1964-1985). Este marco ocorre em um contexto bastante diferente do cinquentenário, ocorrido em 2014, que foi caracterizado por estabilidade democrática e por avanços nas políticas de memória, como as ações da Comissão Nacional da Verdade (CARDOSO, 2024; NAPOLITANO, 2015). Desde então, crises políticas e institucionais, como o impeachment de Dilma Rousseff em 2016 e a ascensão de Jair Bolsonaro (2019-2022), resultaram em retrocessos significativos. A deslegitimação de instituições voltadas para a justiça de transição e o enfraquecimento das políticas de reparação criaram um terreno fértil para o fortalecimento de narrativas apologéticas à ditadura (FICO, 2017; MECHI, SPYER, 2023).

O sexagésimo aniversário do golpe militar ocorre em um Brasil altamente polarizado, onde as disputas em torno das memórias históricas se intensificam, especialmente no ambiente digital. Plataformas como o TikTok<sup>3</sup> se tornaram espaços privilegiados para a disseminação de narrativas que, muitas vezes, glorificam o regime militar ou minimizam suas violações sob a justificativa de combater o “perigo comunista”. Embora essas plataformas sirvam para perpetuar discursos de extrema direita, elas também oferecem oportunidades para questionar e refutar essas perspectivas, especialmente entre os públicos mais jovens (PEREIRA, 2022; SILVA, 2023).

A postura do presidente Lula em relação aos 60 anos do golpe gerou debates sobre o papel do governo na preservação da memória histórica. Em seu terceiro mandato, Lula adotou uma posição cautelosa, buscando evitar tensões com as Forças

---

<sup>3</sup> O TikTok foi lançado em 2017 pela empresa chinesa Bytedance, após a aquisição da rede social estadunidense de dublagem de músicas *Musical.ly*. Dentro da China, a Bytedance mantém uma versão própria da plataforma, adaptada às normas e à cultura do país, chamada Douyin. Embora os mecanismos sejam similares, o algoritmo da plataforma personaliza a entrega de conteúdos – tanto em formatos quanto em temáticas – de acordo com as preferências dos usuários.

Armadas e setores conservadores. Como resultado, iniciativas inicialmente planejadas, como campanhas educativas e eventos públicos organizados pelo Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, foram canceladas (BLAZA, 2024). Essa estratégia reflete o delicado equilíbrio entre lidar com as disputas políticas contemporâneas e assumir um compromisso mais enfático com a memória histórica. Ao evitar confrontos diretos em um momento sensível, especialmente com investigações sobre a tentativa de golpe de 8 de janeiro de 2023, o governo se expõe a críticas por não enfrentar adequadamente o fortalecimento das narrativas apologéticas, em um contexto de polarização crescente (CAMARGO, 2018; NAPOLITANO, 2022).

O objetivo deste artigo é analisar como o TikTok tem sido utilizado pela extrema direita brasileira para legitimar narrativas de exaltação sobre a ditadura militar, investigando os mecanismos de construção de memória na plataforma e a relação entre esses discursos e a polarização política contemporânea.<sup>4</sup> Utilizando uma abordagem netnográfica (metodologia qualitativa adaptada ao estudo de interações em ambientes digitais), examinamos vídeos e hashtags relacionados ao tema, propondo uma tipologia (sistema de classificação que organiza os conteúdos em categorias com base em características comuns) para categorizar as estratégias de engajamento e produção de conteúdo (KOZINETS, 2014).

O marco teórico deste texto está fundamentado nos estudos sobre memória coletiva, negacionismo/revisionismo histórico e o impacto das redes sociais na disseminação de narrativas apologéticas. Os conceitos de “negacionismo” e

---

<sup>4</sup> Embora este artigo não tenha como objetivo uma análise das extremas direitas globais no TikTok, é possível observar o crescimento desses grupos políticos na plataforma, especialmente na busca por atrair um público mais jovem. Esse fenômeno ocorre em partidos e lideranças como a “Alternativa para a Alemanha” (AFD), Călin Georgescu na Romênia, Jordan Bardella e o Reagrupamento Nacional (RN) na França, além de André Ventura, que, por meio do partido “Chega” em Portugal, adota uma retórica fortemente anti-imigratória. Outras figuras políticas europeias, como a primeira-ministra italiana Giorgia Meloni, o premiê húngaro Viktor Orbán e Marine Le Pen, o principal nome da extrema direita francesa, também investiram na plataforma, acumulando milhões de seguidores. Na América Latina, destacam-se o presidente argentino Javier Milei e o ex-presidente brasileiro Jair Messias Bolsonaro como exemplos dessa ofensiva da extrema direita no TikTok. O mesmo ocorreu com Donald Trump, candidato à presidência dos EUA em 2024, que utilizou a plataforma para mobilizar a juventude estadunidense.

“revisonismo” (PEREIRA, 2022; BAUER, 2018) são essenciais para entender como discursos que distorcem ou relativizam fatos históricos, como os relacionados à ditadura militar, encontram um ambiente propício em plataformas digitais. Além disso, o estudo dialoga com as discussões sobre as “guerras de memória” (CAMARGO, 2018; NAPOLITANO, 2022), que analisam os embates entre grupos sociais na construção e disputa de narrativas históricas. A análise também se baseia no conceito de “lugares de memória” (NORA, 1984), adaptado ao contexto digital, considerando as redes sociais como espaços onde as memórias são negociadas, promovidas ou apagadas.

O artigo organiza-se em três seções principais. A primeira examina conceitos centrais, como negacionismo e revisionismo, explorando suas aplicações nas disputas de memória sobre a ditadura militar brasileira e sua relação com o contexto político contemporâneo. A segunda seção apresenta a metodologia netnográfica adotada, detalhando as etapas de coleta e análise de dados no TikTok, com destaque para o uso de hashtags e métricas de engajamento como base para a investigação. Por fim, a terceira seção analisa os resultados da pesquisa, apresentando uma tipologia das narrativas observadas, que inclui as categorias de testemunho (relatos pessoais e históricos), colagem histórica (mistura de elementos visuais e sonoros para construir uma narrativa híbrida) e discurso histórico (reinterpretações de eventos passados, frequentemente com viés ideológico). Essa análise discute como essas narrativas impactam a memória coletiva e as políticas de memória no Brasil contemporâneo. Já as considerações finais sintetizam os principais achados e propõem estratégias para fomentar uma educação crítica no ambiente digital.

### **Disputas narrativas e memória histórica: a ditadura militar nas redes sociais**

A ditadura militar brasileira é objeto de intensos debates, tanto no meio acadêmico quanto no espaço público. Entre historiadores, destacam-se discussões sobre a nomenclatura mais apropriada para descrever o regime, com propostas como “ditadura militar”, “ditadura empresarial-militar”, “civil-militar” ou “militar-civil”. Além disso, os conceitos de “negacionismo” e “revisonismo” são amplamente empregados,

seja para analisar a historiografia acadêmica, seja para avaliar produções de divulgação histórica, como filmes, memes e conteúdos de produtoras como a Brasil Paralelo.

As redes sociais consolidaram-se como espaços privilegiados para debates acerca da ditadura militar brasileira. Esses ambientes digitais tanto perpetuam narrativas enaltecidas quanto abrigam iniciativas de usuários voltadas à refutação dessas perspectivas. Assim, surgem disputas que não apenas questionam as formas de produzir e ensinar a história, mas também refletem conflitos de memória que traduzem diferentes interpretações e interesses relacionados ao passado. A seguir, analisaremos os principais conceitos que estruturam essas discussões.

No campo historiográfico, as características e a duração do regime militar são temas de controvérsia, especialmente em momentos de “datas redondas”. Desde o período ditatorial até os dias atuais, debate-se o uso de termos como “golpe civil-militar”, “golpe empresarial-militar” e “ditadura militar”, além de variações como “ditadura civil-militar” e “ditadura empresarial-militar”. Este artigo adota a expressão “ditadura militar”, com base na ausência de liberdades democráticas, na centralização do poder pelos militares em cargos decisórios e no uso constante do aparato repressivo contra opositores (NAPOLITANO, 2014; FICO, 2017). Essas características, presentes entre 1964 e 1985, fundamentam tanto a definição quanto a periodização do regime<sup>5</sup>.

Um tema central é a análise das narrativas históricas e de memória que distorcem documentos, fatos e interpretações científicas sobre a ditadura. Nesse contexto, os conceitos de “revisionismo” e “negacionismo” frequentemente se sobrepõem. Negacionismo refere-se à negação de fatos amplamente consensuais no meio acadêmico, enquanto o revisionismo envolve reinterpretações dos fatos, geralmente instrumentalizadas para justificar combates políticos contemporâneos (PEREIRA,

---

<sup>5</sup> O termo “golpe civil-militar” e “ditadura civil-militar” foi amplamente difundido por Reis (2002) e recebeu críticas de autores como Melo (2014) e Fico (2017). Outros trabalhos, como o de Pereira (2022, p. 74), adotam a expressão “ditadura militar-civil”. Esse debate evidencia as divergências ainda presentes na academia brasileira sobre a história e a memória da ditadura.

2022). Bauer (2018) argumenta que, no Brasil, narrativas negacionistas frequentemente não negam diretamente os eventos históricos, mas buscam justificá-los sob o pretexto de combater um suposto “perigo vermelho”.

A complexidade do conceito de “revisionismo” também merece destaque. Enquanto pode estar associado a inovações teórico-metodológicas, o termo é, em outros contextos, relacionado a distorções prejudiciais, especialmente em períodos de mobilização política (MELO, 2014). Essa ambiguidade reforça a necessidade de revisitar ou substituir o conceito para análises mais críticas<sup>6</sup>.

Os debates sobre negacionismo e revisionismo estão intrinsecamente conectados às políticas de memória. No Brasil, políticas como os “Pontos de Memória” buscaram dar visibilidade a grupos historicamente marginalizados, mas enfrentaram críticas por reduzir a memória a um caráter redentor, dificultando a construção de uma memória problematizada (FERREIRA, 2011).

A Lei de Anistia de 1979 exemplifica políticas de esquecimento no Brasil, ao perdoar crimes cometidos tanto por militares quanto por guerrilheiros, favorecendo especialmente os primeiros (FERREIRA, 2011). Nos anos 2000, o “direito à memória” foi consolidado com a criação da Comissão Nacional da Verdade (CNV), que representou avanços significativos. Contudo, o impeachment de Rousseff e a ascensão de Bolsonaro à presidência marcaram retrocessos, com celebrações da ditadura militar e justificativas para práticas de tortura em nome do combate ao comunismo (PEREIRA; ARAUJO, 2023).

Pesquisas recentes têm explorado o papel das redes sociais na propagação de narrativas apologéticas. Estudos sobre plataformas como Facebook e Twitter indicam como esses espaços reforçam discursos antidemocráticos (SILVA, 2020; CHAGAS,

---

<sup>6</sup> Para uma análise dos diversos sentidos, usos e limites do conceito de revisionismo, bem como a possibilidade de adotar o conceito de “abuso da história”, ver Butzen (2022). De forma semelhante, Joffily e Ramalho (2024) sugerem a suspensão do uso do termo revisionismo, propondo a substituição pelo conceito de “distorcionismo”.

2021). No entanto, há uma lacuna significativa de estudos focados no TikTok, plataforma emergente que se destaca por atrair públicos jovens e pela dinâmica única de disseminação de conteúdos curtos e interativos. Entre os poucos artigos focados no TikTok, destacam-se aqueles sobre eventos traumáticos. Alonso-López e Sidorenko-Bautista (2022) analisaram a memória da ditadura de Franco, na Espanha, ressaltando tanto narrativas reabilitadoras quanto conteúdos comprometidos com uma memória democrática. De forma semelhante, López et al. (2024) exploraram como o Estallido Social chileno mobilizou memórias da ditadura militar, reforçando discursos alinhados à extrema direita.

Com base nestes estudos, este artigo investiga como a memória da ditadura militar brasileira é construída no TikTok, testando a hipótese de que a plataforma abriga e dissemina narrativas que promovem uma visão conciliadora da ditadura e seus crimes. Além disso, analisa como o TikTok pode reavaliar a rememoração dos “60 anos do golpe civil-militar de 1964”, reforçando discursos apologéticos que favorecem os militares e se fundamentam na narrativa de combate ao comunismo, central para as direitas brasileiras contemporâneas.

### **Memória e engajamento no TikTok: uma análise sobre os 60 anos do golpe militar**

Com o objetivo de analisar como as políticas de memória são articuladas no TikTok, utilizamos uma metodologia flexível inspirada na abordagem netnográfica proposta por Kozinets (2014). A netnografia é uma metodologia qualitativa voltada para o estudo de práticas sociais, culturais e de consumo em ambientes digitais. Derivada da etnografia tradicional, adapta-se ao contexto virtual, examinando interações, comportamentos e significados em comunidades online. De acordo com Kozinets (2014, p. 63), essa metodologia envolve cinco etapas principais: a definição das questões de pesquisa, dos websites e tópicos a serem investigados; a identificação e seleção da comunidade; a observação participante da comunidade e coleta de dados; a análise e interpretação dos dados coletados; e, por fim, a redação, apresentação e divulgação dos resultados, com destaque para suas implicações teóricas e práticas.

Compreender a produção intensa e contínua de vídeos no TikTok nos levou a realizar uma pesquisa exploratória de natureza qualitativa, com o objetivo de investigar como a memória da ditadura militar brasileira é retratada em vídeos relacionados ao contexto dos 60 anos do golpe militar de 1964. Inicialmente, mapeamos as principais hashtags (#) utilizadas para organizar a produção de vídeos e facilitar a localização de publicações. Considerando que o algoritmo do TikTok adapta a entrega de conteúdos às preferências dos usuários, optamos por acessar o site da plataforma em um navegador no modo “anônimo” do Google Chrome, sem login, para minimizar possíveis vieses e distorções na coleta dos vídeos.

Essa abordagem possibilitou identificar hashtags relacionadas à temática da ditadura militar, organizadas por ordem decrescente de popularidade: #ditadura (19,3 mil publicações); #ditaduranuncamais (12,6 mil publicações); #ditaduramilitar (2.748 publicações); #ustras (1.172 publicações); #ditaduranaosecomemora (90 publicações); e #60anosdegolpemilitar (3 publicações). Durante a busca pelas hashtags “ditaduramilitar” e “ditadura”, encontramos um texto do TikTok sobre as eleições brasileiras. Nele, a plataforma reforça a valorização da criatividade, mas destaca a importância de manter a integridade das informações. O texto orienta os usuários a denunciar vídeos com informações incorretas e a consultar fontes confiáveis, como o site do Tribunal Superior Eleitoral (TSE).

Além disso, identificar possíveis críticas a perspectivas “negacionistas” e “revisionistas” sobre a ditadura militar brasileira nos levou a incluir na análise hashtags como #negacionismo (3.069 publicações), #revisionismo (307 publicações) e #revisionismohistorico (225 publicações).

Nesta primeira análise realizada a partir das hashtags, foi possível localizar conteúdos relacionados a diversos temas. As buscas por hashtags associadas a termos como “negacionismo” e “revisionismo” revelaram resultados conectados a assuntos como marxismo, negacionismo climático e do coronavírus, além de menções ao chamado “negacionismo econômico”, termo usado por grupos de extrema direita para

criticar as políticas do atual Ministro da Economia, Fernando Haddad. No entanto, essas buscas trouxeram poucos resultados que apresentassem críticas às interpretações do golpe e da ditadura.

Por outro lado, ao utilizarmos hashtags diretamente relacionadas à ditadura militar, encontramos uma quantidade significativa de vídeos que abordam o tema a partir de uma perspectiva crítica<sup>7</sup>. Entre esses conteúdos, destacam-se produções realizadas por professores, divulgadores científicos e até mesmo por pessoas que viveram entre 1964 e 1985. Esses trabalhos destacam os problemas do golpe militar de 1964 e da ditadura instaurada no período subsequente.

Dessa forma, ao buscar produções que abordassem e disputassem a memória do golpe de 1964, enfrentamos dificuldades para encontrar essas discussões. Para concentrar a análise na temática em questão, adotamos dois procedimentos: focamos na hashtag “#60anosdegolpemilitar” e restringimos a data de publicação dos vídeos aos dias 31 de março, 1º de abril e 2 de abril de 2024. Essas datas estão diretamente associadas ao golpe de 1964 e poderiam ser utilizadas como “efemérides” dentro da plataforma.

Na análise da hashtag “#60anosdegolpemilitar”, encontramos três vídeos críticos à ditadura, porém nenhum deles foi publicado nas datas próximas ao período em que geralmente se rememora o golpe de 1964. O primeiro vídeo apresenta uma fala de Paulo Freire à TV Cultura em 1989, originalmente publicada pelo site de notícias @theinterceptbrasil no TikTok e republicada pelo perfil @mjssfs no dia 7 de janeiro de 2024. O engajamento do vídeo foi modesto, com 23 curtidas, um comentário, um salvamento e um compartilhamento. O comentário, publicado pelo perfil @mercinhochofermoral no mesmo dia, dizia: “quem inventou o bolsonarismo? vcs, se o

---

<sup>7</sup> Entre os exemplos, destaca-se o vídeo do perfil @luaslungaretti, que narra a história de seu pai, preso e torturado durante a ditadura militar. Outro exemplo é o vídeo do perfil @joaowanat, que registra o testemunho crítico de seu avô, que viveu nesse período. Além disso, o perfil @meumundinhopensante aborda as mulheres que lutaram contra o regime militar. Esses vídeos podem ser acessados diretamente nos perfis mencionados.

partido não tivesse se corrompido nós estaríamos vivendo o Lulinha paz e amor”. Observa-se que o perfil possui uma postura crítica ao governo petista e demonstra apoio a figuras da extrema direita, como Jair Bolsonaro e Donald Trump.

O segundo vídeo que utiliza a hashtag traz uma fala crítica à ditadura de Adriano Diogo, presidente da Comissão da Verdade em São Paulo, realizada no Fórum Social da Zona Leste. Esse vídeo foi publicado no perfil @forumsocial.zl no dia 25 de abril de 2024, tendo recebido 11 curtidas, um comentário, nenhum salvamento e um compartilhamento. O comentário, feito pelo usuário @user64399988, que em seu perfil publica conteúdo contrário aos governos petistas e ao atual presidente, dizia em tom irônico: “concordo com o comunismo, todos devem ser miseráveis por igual!”.

O terceiro vídeo identificado com a hashtag “#60anosdegolpemilitar” é do perfil @dilogo.e.ao.petis, vinculado ao movimento Diálogo e Ação Petista-Floripa. Publicado no dia 20 de março de 2024, o vídeo traz uma fala crítica aos governos militares e à ditadura, com ênfase na cobrança de punição aos militares envolvidos no regime. Este vídeo obteve 10 curtidas, nenhum comentário, um salvamento e um compartilhamento.

A análise desses três vídeos revela que as publicações utilizando a hashtag não se concentram necessariamente no período próximo ao dia 31 de março. Além disso, os níveis de engajamento são baixos, tanto em curtidas quanto em comentários. Por fim, ao buscar pela expressão “60 anos de golpe militar” no TikTok via computador, não foi encontrado nenhum vídeo correspondente. Em vez disso, apareceu uma mensagem da própria plataforma indicando “nenhum resultado encontrado” e alertando que o conteúdo pesquisado violava as diretrizes da comunidade do TikTok.

Ao revisar os métodos de busca por hashtags dentro do TikTok, reorganizamos a pesquisa direcionando-a para hashtags relacionadas ao militarismo, buscando possíveis conexões. Nesse processo, identificamos duas hashtags<sup>8</sup> que evidenciam parte da “bolha algorítmica”, promovendo uma intensa apologia ao golpe de 1964 e à

---

<sup>8</sup> Levantamento realizado entre os dias 18 e 19 de novembro.

ditadura militar, geralmente associadas a grupos de extrema direita. As principais hashtags analisadas foram: #regimemilitar, com 987 publicações e #regimemilitarbrasil, com 389 publicações. Apesar do número relativamente baixo de publicações, foi possível identificar perfis dedicados exclusivamente a promover narrativas de exaltação da ditadura militar, como @militar.64 e @euamohistoria\_.

Além disso, a busca revelou vídeos que, embora não utilizassem explicitamente os termos nas descrições, foram recomendados pelo algoritmo do TikTok, provavelmente por conta do engajamento de usuários interessados no tema. Muitos comentários nesses vídeos incluíam termos como “ditadura” ou “regime militar”, contribuindo para que fossem recomendados em buscas relacionadas. É importante notar que, nesses vídeos, não são comuns depoimentos de pessoas reais expressando ideias; em vez disso, há o uso de imagens, fotografias, discursos, trechos de programas de televisão e outros materiais históricos da época da ditadura.

Nosso objetivo foi analisar esses conteúdos, considerando suas principais métricas e os comentários associados. Os dados coletados foram divididos em duas categorias: a primeira analisou os perfis como um todo, incluindo o nome do usuário (@), número de seguidores e curtidas totais; a segunda focou em vídeos específicos de cada perfil, observando descrição, hashtags utilizadas e métricas de engajamento (visualizações, curtidas e comentários).

Optamos por não incluir no levantamento duas ferramentas que geram engajamento nos vídeos: a função “favoritos”, que permite salvar o vídeo no perfil para visualização posterior, e o “compartilhamento”, que possibilita enviar o vídeo para outras pessoas em diferentes redes sociais. Embora essas funções contribuam para aumentar o engajamento e ampliar o alcance dos vídeos na aba “Para Você” (“For You Page”) do TikTok, as curtidas são geralmente a forma de engajamento mais simples e, por isso, apresentam números mais expressivos na maioria dos vídeos.

A partir da hashtag #regimemilitar, foram identificados e analisados 20 vídeos provenientes de 20 perfis distintos nos dias 19 e 20 de novembro de 2024. A meta foi mensurar métricas relevantes para compreender como as ideias e a memória histórica sobre o golpe de 1964 se manifestam na plataforma. Nesse processo, foram analisados o número de visualizações e curtidas para avaliar o engajamento, além de ser proposta uma tipologia para diferenciar os formatos das produções. É importante ressaltar que a tipologia é um método de classificação que organiza elementos com base em características comuns ou padrões identificáveis. No campo das análises qualitativas, ela permite categorizar fenômenos, objetos ou conteúdos a partir de seus atributos, facilitando uma compreensão mais estruturada das semelhanças e diferenças entre eles.

Os vídeos do TikTok analisados seguem uma lógica de produção característica da internet, mobilizando diversas estéticas por meio de colagens. Essa abordagem combina discursos históricos, imagens, vídeos, músicas e notícias, criando uma estética própria. Com base nessas características, foi desenvolvida uma tipologia para identificar e classificar as principais composições presentes nos vídeos estudados.

Esses vídeos foram classificados em três tipologias principais: Testemunho, Colagem Histórica e Discurso Histórico. A tipologia de Testemunho engloba vídeos que apresentam relatos de pessoas sobre a ditadura, sejam indivíduos comuns que viveram o período e falam sobre ele atualmente, ou figuras históricas e políticas que se posicionaram na época. Já a Colagem Histórica inclui vídeos que combinam diferentes elementos, como imagens, músicas, discursos, falas, geralmente relacionados ao contexto da ditadura. Por fim, a tipologia de Discurso Histórico abrange vídeos que reproduzem discursos de militares ou apoiadores do regime, como pronunciamentos presidenciais ou declarações feitas entre 1964 e 1985. Essas tipologias evidenciam as diversas formas de construção narrativa para defender e promover a memória da ditadura militar.

Como mencionado acima, a tipologia Testemunho se refere a relatos pessoais ou coletivos sobre eventos históricos, frequentemente de pessoas que viveram ou tiveram

contato direto com os acontecimentos. No caso da ditadura militar brasileira, esses testemunhos podem ser representados por relatos de vítimas da repressão ou de seus descendentes. No TikTok, os testemunhos são comumente apresentados de forma emocional e visual, criando uma conexão direta com o público. Essa tipologia contribui para a construção de memórias ao tentar afirmar a autenticidade dos eventos vividos pelas vítimas e dar visibilidade a vozes marginalizadas nas versões oficiais da história. Ao compartilhar esses relatos de forma direta e pessoal, os testemunhos preservam a memória das injustiças cometidas e reafirmam a importância de manter viva a história da resistência.

A Colagem Histórica, por sua vez, envolve a mistura de diversos tipos de mídia, como imagens, vídeos, áudios e outros elementos históricos, com materiais contemporâneos, criando uma narrativa híbrida entre o passado e o presente. No TikTok, isso pode ser visto em vídeos que combinam imagens de arquivos históricos da ditadura com músicas populares ou memes atuais, criando uma conexão simbólica entre os eventos passados e os desafios atuais. Essa abordagem contribui para a memória ao tornar a história mais acessível e relevante para o público jovem, que muitas vezes não tem contato com formas tradicionais de ensino da história. A colagem histórica ajuda a manter a história viva, mostrando sua continuidade e impacto nas questões atuais, como a luta pelos direitos humanos ou o combate a regimes autoritários. Ao conectar passado e presente, ela reforça a importância de aprender com a história para enfrentar desafios contemporâneos.

Por fim, o Discurso Histórico refere-se à construção de narrativas que buscam explicar e interpretar os eventos passados de forma mais formal, frequentemente com uma análise crítica. No TikTok, essa tipologia se manifesta em vídeos que tentam reinterpretar a ditadura militar, com alguns discursos minimizando ou revisando os abusos cometidos durante o regime, enquanto outros preservam a memória das vítimas e das lutas políticas. O discurso histórico desempenha um papel fundamental na formação da memória coletiva, pois pode tanto legitimar uma versão oficial e ideológica

da história, quanto contribuir para a resistência contra versões distorcidas dos acontecimentos. Quando utilizado de forma ética, o discurso histórico reforça o compromisso com a verdade histórica, educando as novas gerações e preservando a memória das vítimas. No entanto, quando manipulado para promover agendas apologéticas, pode criar uma memória distorcida, apagando os abusos cometidos e legitimando ideologias autoritárias.

Essas três tipologias – Testemunho, Colagem Histórica e Discurso Histórico – desempenham papéis essenciais na formação e transformação das narrativas de memória no TikTok. Enquanto o testemunho traz uma perspectiva pessoal e emocional, a colagem histórica permite que a história dialogue com o presente, e o discurso histórico organiza e interpreta os eventos de forma mais estruturada. Cada uma dessas tipologias contribui para a construção de uma memória coletiva que é constantemente reescrita e negociada nas plataformas digitais, onde o passado é não apenas lembrado, mas também revivido e ressignificado.

Como já foi dito anteriormente, na análise dos vídeos no TikTok, é essencial relacionar as características dos vídeos com as métricas de engajamento, como curtidas, visualizações e compartilhamentos, uma vez que essas métricas têm um impacto direto na disseminação das narrativas. O algoritmo da plataforma prioriza os vídeos que geram mais interações, favorecendo aqueles com maior número de curtidas, compartilhamentos e comentários. Isso implica que vídeos com mais engajamento têm uma chance significativamente maior de se tornar virais, alcançando uma audiência mais ampla.

Em vídeos sobre a ditadura militar brasileira, por exemplo, as narrativas de apologia ao regime, que muitas vezes utilizam elementos emocionais, memes populares e frases impactantes, tendem a gerar mais engajamento. O uso de recursos visuais chamativos e músicas populares, além de temas de fácil compreensão, fazem com que esses vídeos sejam mais atrativos para os usuários. O apelo emocional dessas narrativas, que geralmente apresentam uma visão simplificada da história, torna o conteúdo mais

compartilhável e, portanto, mais visível dentro da plataforma. Isso contribui para a popularização de ideias revisionistas e a ampliação do alcance dessas narrativas entre os usuários, especialmente aqueles com visões semelhantes.

Por outro lado, vídeos que apresentam críticas mais profundas à ditadura ou que abordam testemunhos de vítimas podem não gerar o mesmo nível de interações. Isso ocorre porque essas narrativas exigem mais reflexão e uma postura crítica do usuário, o que pode ser menos atraente em uma plataforma que prioriza conteúdos rápidos e fáceis de consumir. Esses vídeos, no entanto, podem alcançar um público mais específico, receptivo a este tipo de conteúdo. Mas, mesmo que o engajamento seja menor, esses vídeos desempenham um papel importante ao manter viva a memória das vítimas e ao combater as narrativas revisionistas, especialmente em grupos que buscam promover uma reflexão crítica sobre o passado.

Além disso, a análise das métricas deve considerar o comportamento dos usuários em relação ao conteúdo. A quantidade de seguidores que um criador de conteúdo tem, bem como a frequência com que seus vídeos são compartilhados, pode influenciar significativamente o alcance de suas postagens. Criadores com muitos seguidores ou que frequentemente discutem temas relacionados à ditadura militar têm mais poder para impactar a disseminação de narrativas, seja para promover visões revisionistas ou para resgatar a memória histórica das vítimas. A análise do comportamento de compartilhamento e das interações qualitativas (comentários que geram debate ou engajamento com o conteúdo) oferece uma compreensão mais aprofundada de como as narrativas são consumidas e reconfiguradas no TikTok.

Um exemplo prático seria o caso de vídeos com maior número de visualizações e curtidas. Embora isso indique uma maior popularidade do conteúdo, não significa necessariamente que a narrativa proposta está sendo criticamente analisada por todos os que interagem com ela. As métricas de engajamento podem revelar também a existência de bolhas ideológicas, onde conteúdos com viés revisionista, minimizando ou distorcendo a ditadura militar, tendem a ser mais compartilhados dentro de grupos com

visões semelhantes, fortalecendo um ciclo de reforço ideológico. Essa dinâmica cria um espaço onde a verdade histórica é constantemente desafiada e reescrita, afetando a memória coletiva.

Assim, ao relacionar as métricas de engajamento com as características dos vídeos, torna-se evidente o papel central do TikTok, como plataforma digital, na disseminação de diferentes versões da história. As interações nesses conteúdos não apenas indicam quais narrativas são mais consumidas, mas também influenciam diretamente a forma como a memória histórica é reconfigurada. Ao analisar essas métricas em conjunto com os tipos de conteúdo – como testemunhos, colagens históricas e discursos históricos –, conforme ilustrado nas tabelas e figuras apresentadas a seguir, é possível compreender com maior profundidade o impacto das redes sociais na construção das diferentes narrativas sobre a ditadura militar.

Tabela 1: Perfis no TikTok: Engajamento, Tipologias e Métricas dos Vídeos sobre a Ditadura Militar

Usuários (perfis)	Seguidores	Visualizações	Curtidas video	Tipologia
<a href="#">@.edits_militares</a>	353	16800	1705	Colagem Histórica
<a href="#">@cortes.kc</a>	44900	2200000	88700	Testemunho
<a href="#">@diego.nicacio</a>	12000	59900	2532	Colagem Histórica
<a href="#">@direita_nordestina</a>	13	505	68	Colagem Histórica
<a href="#">@direitasp.oficial</a>	944	106900	2759	Discurso Histórico
<a href="#">@elionaisilva021</a>	198	4953	145	Colagem Histórica
<a href="#">@euamohistoria_</a>	12700	275000	29600	Colagem Histórica
<a href="#">@falaglauberpodcast</a>	483600	27300	973	Testemunho
<a href="#">@geopoliticobrasil</a>	129500	89500	6159	Colagem Histórica
<a href="#">@historiasementira</a>	7560	45300	1785	Testemunho
<a href="#">@kaua_lucas_edits</a>	7919	68400	7328	Colagem Histórica

<a href="#">@kings_of_edits17</a>	507	18100	780	Colagem Histórica
<a href="#">@militar.64</a>	28000	624000	27200	Discurso Histórico
<a href="#">@militarismoanimado</a>	85400	119600	8640	Testemunho
<a href="#">@orlandofilho</a>	2472	21300	1094	Testemunho
<a href="#">@regime_militar</a>	88	1472	63	Colagem Histórica
<a href="#">@savyocampos21</a>	3441	902500	76400	Testemunho
<a href="#">@the.karno_real</a>	444	40500	4276	Colagem Histórica
<a href="#">@unidadenacionalista</a>	5396	325500	20800	Discurso Histórico
<a href="#">@wilfloat</a>	110200	114500	9075	Colagem Histórica

Fonte: os autores.

Com base no cruzamento das informações sobre os tipos de conteúdo e suas respectivas métricas (visualizações e engajamento), obtivemos as seguintes proporções:

Tabela 2. Proporção de Visualizações e Curtidas por Tipologia nos Vídeos sobre a Ditadura Militar

Tipologia	Soma Visualizações	Porcentagem Visualizações	Soma Curtidas	Porcentagem Curtidas
Testemunho	3316000	65,51 %	177592	61.22%
Colagem histórica	689630	13,62 %	61731	21.28%
Discurso histórico	1056400	20,87%	50759	17.5%

Fonte: os autores

Imagem 1. As Dez Hashtags Mais Utilizadas nos Vídeos sobre a Ditadura Militar



Fonte os autores.

A Imagem 1, que representa as dez hashtags mais utilizadas nos vídeos sobre a ditadura militar no TikTok, foi gerada com o auxílio de uma ferramenta de nuvem de palavras (word cloud). Esse método é utilizado para visualizar a frequência ou relevância de palavras ou hashtags em um conjunto de dados textuais. No caso específico, as hashtags foram extraídas das descrições dos vídeos e organizadas de acordo com sua frequência de uso. O processo envolveu a coleta das hashtags, a contagem de sua frequência e, por fim, a criação da nuvem de palavras, permitindo identificar padrões e destacar as hashtags mais frequentes, proporcionando uma visão clara do conteúdo analisado.

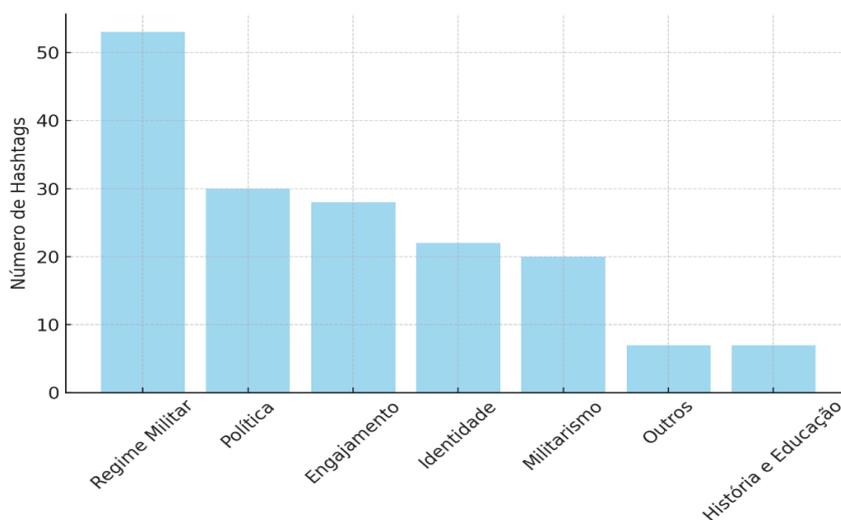
Para essa análise, selecionamos as dez hashtags mais utilizadas nos 20 vídeos mapeados. Cada vídeo permitia o uso de uma hashtag, que não podia ser repetida na descrição, e alguns vídeos não apresentavam hashtags. Em ordem decrescente de frequência, as hashtags identificadas foram: 1.#regimemilitar (7), 2.#brasil (6) 3.#1964

(4), 4.#fy (4), 5.#nacionalismo (4), 6.#exército (3), 7.#generalnewtoncruz (3), 8.#política (3), 9.#regimemilitarbrasil (3), 10.#Brasil (2).

Esse levantamento revela alguns aspectos do funcionamento do TikTok. Em primeiro lugar, destaca-se a preeminência da hashtag #regimemilitar, amplamente usada por apoiadores da ditadura, que muitas vezes não consideram o período como “ditatorial”. Em segundo lugar, observa-se a relevância da hashtag #fy, que é uma abreviação de “For You” (referente à aba “Para Você”), utilizada por usuários para aumentar a probabilidade de seus vídeos serem recomendados para outros, ampliando seu alcance e “furando a bolha” algorítmica. Outro ponto relevante é que, embora as hashtags #brasil e #Brasil sejam grafadas de forma diferente, a busca na aba de pesquisa do TikTok tende a exibir resultados para ambas. Por fim, a hashtag #generalnewtoncruz também chama atenção por destacar uma figura específica: o general Newton Cruz, chefe do Serviço Nacional de Informações (SNI) durante a ditadura militar.

Após pesquisarmos as hashtags utilizadas nos vídeos como forma de promoção desses conteúdos, estas foram divididas em sete grupos: 1. Regime Militar, 2. Política, 3. Engajamento, 4. Identidade, 5. Militarismo, 6. Outros, 7. História e educação.

Imagem 2. Número de hashtags por tipo



Fonte os autores.

As hashtags categorizadas sob o termo Regime Militar estão associadas a temas relacionados à ditadura, ao golpe, aos militares que participaram do regime e aos ditadores-presidentes. O grupo Política abrange tópicos como direita, esquerda, Lula e Bolsonaro. O grupo Engajamento, tem como objetivo conectar os vídeos a temas mais virais na plataforma, utilizando hashtags como #fy ou #plabomarçal, mesmo quando esses assuntos não são diretamente abordados nos vídeos. Já o grupo Identidade está vinculado a temas como nacionalismo e Brasil. Por sua vez, o grupo Militarismo, que contém 20 hashtags, engloba tópicos relacionados ao exército, militares e forças armadas e o grupo intitulado Outros abrange temáticas variadas presentes nos vídeos. Por fim, o grupo História e Educação aborda assuntos como história e atualidades.

Tabela 3. Classificação das Hashtags por Grupo

Grupo	Hashtags
Regime Militar	#regimemilitar, #regimemilitarbrasil, #1964, #ditadura, #revolucaode1964, #regimemilitar1964, #ditaduramilitar, #governomilitar, #arthurdacostaesilva, #emiliomedici, #ernestogeisel, #generalfigueiredo, #castelobranco, #humbertodealencarcastelobranco, #joaobaptistafigueiredo, #brasil1985, #geisel, #regimemilitarnobrasil, #generalgeisel, #costaesilva, #RegimeMilitar, #atentado, #atentadodoriocentro, #riocentro, #ernestobeckmanngeisel, #augustorademaker, #aurelianoliratavares, #leonidaspiresgonçalves, #arthurdacostaesilva, #emiliogarrastazumedi, #genetonmoraesneto, #sylviofrota, #liratavares, #newtoncruz, #generalnewtoncruz,, #marciosousamelo.
Política	#politica, #politic, #política, #governo, #presidente, #presidentedobrasil, "#eleicoes2024", #democracia, #jairbolsonaro, #jairmessiasbolsonaro, #bolsonaro, #direita, #esquerda, #lula, #PT, #conservadoresbr, #direitabrasil, #Lula, #bolsonaropresidente, #politic, #poder, #direitaconservadora, #direitaliberal, #Politic, #Politica, #bolsonarismo.
Engajamento	#fy, #fyp, #viral, #tiktok, #edit, #capcut, #views, #foryou, #foryoupage, #fydongggggggg, #fypシviral, #podcast, #podcastbrasil, "#podcastdepolicia", #podcastdofalaglauber, #podcastmilitar, #podcastpolicial, #edits, #Fy, #pablomarçal, #falaglauber, #falaglauberpodcast.
Identidade	#patriota, #nacionaldesenvolvimentismo, #patriotascombolsonaro, #mulherescombolsonaroBRBRBR, #brasil, #unidadeNacionalista, #riograndedosul, #gaucho, #Brasil, #br, #BR, #UnidadeNacionalista, #brasilBR, #nacionalismo.

Militarismo	#exercito, #exercitobrasileiro, #exercitobrasileiroBR, #forcaareabrasileira, #militaresbrasileiros, #militarismo, #operacaomilitar, #generaldoexercito, #aeronautica, #marinhadobrasil, #exercitoedits, #military, #militar, #general, #policiamilitar, #forçasdesegurança, #militarismoanimado.
Outros	#odeiofavela, #NA, #oglobo, #opinio, #rodaviva, #desenvolvimento, #desenvilmentismo, #nacionaldesenvolvimentismo.
História e Educação	#historia, #história, #atualidades, #curiosidades, #educativo, #anos70, #anos80, #getulio.

Fonte: os autores.

A capacidade de viralização no TikTok depende de diversos fatores, sendo possível identificar elementos específicos em um vídeo que contribuem para sua distribuição e para superar as “bolhas algorítmicas”. Nesse contexto, um dos principais objetivos dos criadores de conteúdo na plataforma é alcançar a aba “Para Você”, ampliando o alcance para diferentes usuários. Esse processo envolve um duplo movimento: de um lado, utiliza-se hashtags com o objetivo de atrair o público já familiarizado com um determinado tipo de conteúdo (como vídeos relacionados à ditadura militar); de outro, criam-se hashtags novas para otimizar a visibilidade em pesquisas específicas (como #sylviofrota) ou até mesmo hashtags já consolidadas que não guardam relação direta com o vídeo, como #pablomarçal. Dessa forma, percebe-se que o propósito central dos vídeos analisados é alcançar um público mais amplo, considerando que os temas associados à hashtag #regimemilitar apresentam menor volume de interações em comparação com aqueles vinculados ao termo #dituramilitar, predominantemente críticos ao golpe e à ditadura de 1964.

Para isso, os vídeos recorrem a elementos específicos, como a colagem de imagens e o uso de músicas populares na plataforma, ou mesmo à combinação entre a sequência de imagens e as músicas escolhidas. Um exemplo é o vídeo de @diego.nicacio, que celebra a ditadura militar utilizando imagens históricas do período acompanhadas da música “My Little Dark Age” da banda MGMT, amplamente conhecida no TikTok como um “meme” e também frequentemente usada em memes de

extrema direita, tanto no TikTok quanto em outras redes sociais. Essa música, no caso, passa por uma adaptação na plataforma, sendo desacelerada. De maneira semelhante, o vídeo de @edits\_militares emprega a mesma música, porém em uma versão ainda mais lenta, com a meta de enaltecer a ditadura militar. O mesmo padrão é observado no vídeo de @direita\_nordestina.

Já o perfil @militar.64 se dedica à edição e divulgação de discursos históricos relacionados principalmente aos presidentes-ditadores que governaram entre 1964 e 1985, além de reportagens da época que exaltam essas figuras. Em muitos casos, os vídeos promovem a ditadura, pois foram originalmente produzidos como propagandas durante o próprio período ditatorial. Nesse contexto, pode-se afirmar que há uma utilização “abusiva” dessas imagens, reportagens e discursos históricos, já que essas fontes não são problematizadas. Elas são apresentadas de forma acrítica, com o claro objetivo de promover, no presente, uma apologia à ditadura. Esse processo se aproxima do conceito de distorcionismo apresentado por Joffily e Ramalho (2024).

O “engajamento” no TikTok é um elemento central para entender como o pensamento histórico é disseminado na plataforma. Os vídeos e perfis analisados neste estudo têm, em sua maioria, o propósito de enaltecer uma memória celebratória da ditadura militar, inserindo-se em disputas políticas do presente. Por outro lado, os vídeos dos perfis @cortes.kc e @geopoliticobrasil não têm como objetivo principal a apologia ao golpe de 1964 ou à ditadura, tampouco a disputa direta pela memória desse período – ao menos, não de forma intencional. Já o perfil @cortes.kc, conforme indicado em sua descrição, é uma conta “black”<sup>9</sup>, voltada para a criação de conteúdos variados que gerem engajamento e visualizações com o intuito de monetização. Por isso, seu conteúdo é diverso, abrangendo desde discursos históricos de Lula até entrevistas com figuras como o ex-general Cruz (chefe do SNI). Já o perfil @geopoliticobrasil não foca

---

<sup>9</sup> Contas “black” dentro da produção de conteúdo no TikTok são perfis que buscam “monetizar” o mais rápido possível. Essas contas, em sua maioria, não produzem conteúdo original e nem seu dono de perfil aparece, geralmente copiam e republicam conteúdos de outros perfis e plataformas com a finalidade de retorno financeiro.

especificamente no período da ditadura militar, mas aborda temas relacionados à geopolítica de maneira ampla. Contudo, seus três vídeos fixados<sup>10</sup> mostram alinhamento com ideias associadas à extrema direita: o primeiro aborda a posse de Trump em 2017; o segundo destaca os pontos positivos do regime militar; e o terceiro apresenta as maiores paradas militares do mundo. Assim, é possível identificar uma lógica comum entre esses perfis analisados: a produção de conteúdos variados que atraem diferentes públicos, provavelmente com o objetivo de monetização.

Já os vídeos de testemunhas, sejam de conversas atuais com pessoas que viveram durante a ditadura e compartilham suas memórias, ou de relatos gravados na época ou pouco após o fim do regime, têm frequentemente como objetivo principal a apologia ao período. Exemplos disso podem ser observados nos vídeos dos perfis @falaglauberpodcast e @savyocampos21. O primeiro apresenta um episódio do popular “Fala Glauber Podcast”, conhecido por entrevistar figuras relacionadas ao militarismo. Nesse corte específico, o general Ridauto, convidado da entrevista, defende que a anistia perdoou ambos os lados, minimizando as críticas ao regime ao afirmar que ela colocou “vencedores” e “vencidos” em condições de igualdade. O segundo exemplo é uma entrevista conduzida por Savyo Campos com uma pessoa que afirma ter vivido durante a ditadura militar, ter servido ao exército e que defende as ações dos militares em 1964. Embora o perfil @savyocampos21 não esteja mais ativo, conteúdos similares ainda podem ser encontrados, principalmente em produções midiáticas associadas a movimentos como o “Movimento Brasil Livre”.

Concluindo esta seção, as análises realizadas evidenciam que o TikTok tem se consolidado como uma plataforma capaz de mobilizar elementos específicos para engajar públicos diversos em narrativas históricas, incluindo aquelas relacionadas à ditadura militar brasileira. Por meio de técnicas como vídeos curtos, linguagem jovem,

---

<sup>10</sup> Os vídeos fixados são como a “porta de entrada” para o perfil, sempre aparecendo quando acessamos o perfil de um usuário.

memes e músicas populares, a plataforma possibilita a disseminação de conteúdos tanto apologéticos ao regime quanto críticos, atingindo diferentes audiências.

Perfis como @diego.nicacio e @edits\_militares exemplificam o uso de montagens de imagens históricas acompanhadas de músicas virais, amplamente associada a memes de extrema direita, para promover visões positivas do regime. Da mesma forma, testemunhos históricos e contemporâneos, como os apresentados por @falaglauberpodcast, reforçam argumentos sobre a suposta legitimidade do regime militar. Já perfis como @militar.64 editam discursos de figuras do período, apresentando-os sem contextualização crítica, o que contribui para a consolidação de narrativas apologéticas.

As narrativas distorcionistas disseminadas no TikTok têm impacto direto na construção da memória coletiva e na percepção pública sobre a ditadura militar, ao glorificar o regime ou minimizar suas violações. Embora a plataforma também sirva para iniciativas críticas, a baixa presença de conteúdos contrários ao regime nas hashtags analisadas ressalta a necessidade de políticas públicas mais amplas para fortalecer a resistência e fomentar uma compreensão mais crítica do período. Além disso, essas narrativas influenciam não apenas a memória, mas também o cenário político atual, intensificando a polarização e dificultando a implementação de políticas de reparação e justiça. Combater o distorcionismo histórico exige iniciativas educativas consistentes e um monitoramento constante das redes sociais para enfrentar a desinformação.

Assim, as plataformas digitais, incluindo o TikTok, representam desafios significativos para a justiça de transição. Ao perpetuarem visões distorcidas sobre a ditadura, essas redes comprometem o reconhecimento das violações do regime e enfraquecem as políticas de memória, ampliando o alcance de discursos antidemocráticos. Portanto, torna-se indispensável alinhar a educação histórica às dinâmicas digitais, promovendo reflexões críticas e fortalecendo uma memória democrática como estratégia central para resistir a narrativas distorcionistas e antidemocráticas.

### Considerações finais

Esta pesquisa analisou narrativas sobre a ditadura militar brasileira no TikTok. A plataforma abriga tanto vídeos críticos ao regime quanto conteúdos apologéticos, sendo estes últimos em menor número, mas com crescente espaço de alcance. Além disso, os comentários nos vídeos analisados revelam intensas disputas de narrativas e memória, frequentemente marcadas por ataques virulentos. Esse fenômeno reflete a atual polarização política, que molda narrativas ideológicas, muitas vezes minimizando os abusos cometidos durante o regime militar.

A autocensura e as diretrizes da plataforma, que restringem conteúdos sensíveis ou polêmicos, representam um desafio, dificultando o acesso a vídeos que criticam abertamente o golpe de 1964. Outro obstáculo significativo é a remoção de vídeos considerados problemáticos por patrocinadores, sejam eles críticos ou apologéticos, o que compromete a representatividade da amostra analisada. Essa limitação impossibilita garantir que todos os vídeos relevantes foram identificados ou classificados de forma adequada.

É necessário refletir também sobre as implicações sociais e políticas dessas narrativas. Com grande alcance, o TikTok influencia diretamente a formação da memória coletiva, especialmente entre os jovens, que consomem conteúdos históricos frequentemente sem o devido contexto. Narrativas distorcidas, disseminadas por meio de memes e vídeos curtos, reforçam percepções equivocadas de que a ditadura militar representou “ordem” e “segurança”. Esse tipo de conteúdo ameaça a preservação da memória das vítimas e dificulta o reconhecimento das injustiças cometidas.

A predominância dessas narrativas contribui para a normalização de práticas autoritárias em uma sociedade já polarizada. Visões distorcionistas enfraquecem os processos de justiça de transição e dificultam políticas de memória fundamentais para o reconhecimento dos direitos das vítimas e a reparação histórica. Essas narrativas não

apenas aprofundam o debate sobre o legado da ditadura, mas também intensificam a divisão social.

Diante disso, torna-se essencial monitorar continuamente as redes sociais, incluindo o TikTok, para identificar e combater narrativas que distorcem a memória histórica. Esse esforço deve ser acompanhado de iniciativas educativas que promovam o consumo crítico de conteúdos digitais, capacitando os usuários a distinguir entre narrativas distorcidas e interpretações históricas bem fundamentadas.

Para fortalecer a educação histórica, é fundamental adotar práticas pedagógicas alinhadas às dinâmicas digitais, incentivando estudantes a reconhecerem as disputas de memória presentes nas redes sociais e a utilizarem metodologias que promovam uma análise crítica dos conteúdos. Assim, é importante compreender as dinâmicas entre o potencial do ensino de história através do TikTok e a propagação de conteúdos com desinformação histórica (BUTZEN; DULCI, 2024). Isso inclui desconstruir discursos distorcionistas. Além disso, políticas públicas de memória devem ser ampliadas, garantindo visibilidade às vozes silenciadas pelo autoritarismo e assegurando que as futuras gerações compreendam a importância de preservar a democracia e resistir a narrativas que relativizam os abusos do passado.

Por fim, a valorização de políticas de memória comprometidas com a verdade histórica e a justiça social é indispensável para enfrentar os desafios contemporâneos e futuros. Construir uma memória coletiva democrática requer esforços conjuntos entre governos, instituições educacionais, organizações da sociedade civil e usuários das redes sociais. Apenas por meio desse compromisso coletivo será possível resistir e garantir que a memória histórica seja a base de um futuro mais justo e consciente.

## Referências

ALONSO-LÓPEZ, Nadia.; SIDORENKO-BAUTISTA, Pavel. Tratamiento de la memoria histórica española en TikTok: perfiles, contenidos y mensajes. **Revista Mediterránea de Comunicación**, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 117-134, 2022.

BUTZEN, Gabriel Antonio. **O conceito de “revisonismo” na crítica historiográfica do “movimento crítico ao revisionismo contemporâneo”**: uso, limites e possibilidades. 2022. 207 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2022.

BUTZEN , Gabriel Antonio; DULCI, Tereza Maria Spyer. É possível aprender História no TikTok? **Horizontes Históricos**, [S. l.], v. 9, n. 2, p. 236-255, 2025. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/HORIZONTES/article/view/22099>. Acesso em: 24 fev. 2025.

BAUER, Caroline Silveira. Qual o papel da história pública frente ao revisionismo histórico? In: MAUAD, Ana Maria; SANTHIAGO, Ricardo; BORGES, Viviane Trindade. **Que história pública queremos?** São Paulo: Letra e Voz, 2018. p. 195-203.

BLAZA, Guilherme. Depois de cancelar atos sobre ditadura, Lula desiste também de Museu da Memória e dos Direitos Humanos. *GloboNews*, 19/03/2024.

CAMARGO, Alessandra Lopes de. Negacionismo e políticas de memória na justiça de transição brasileira. *Revista Perseu Abramo*, [S.l.], v. 1, n. 15, p. 55-85, 2018.

CARDOSO, L. Apresentação ao dossiê “60 anos do Golpe de 1964: memória, história e oralidades”. **História Oral**, v. 27, n. 1, p. 5-9, jan./abr. 2024.

CHAGAS, Viktor. Meu malvado favorito: os memes bolsonaristas de whatsapp e os acontecimentos políticos no brasil. **Estudos Históricos** (Rio de Janeiro), [S.L.], v. 34, n. 72, p. 169-196, abr. 2021.

FERREIRA, Maria Leticia Mazzucchi. Políticas da memória e políticas do esquecimento. **Revista Aurora**, [S.l.], n. 10, p. 102, 2011.

FICO, Carlos. Ditadura Militar brasileira: aproximações teóricas e historiográficas. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 9, n. 20, p. 05-74. jan./abr. 2017.

JOFFILY, Mariana.; RAMALHO, Walderez. **Distorcionismo**: uma nova categoria de análise para o campo de batalha da história no século XXI. *Tempo*, [S.L.], v. 30, n. 1, p. 1-20, 2024

KOZINETS, Robert V. **Netnografia**: realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014.

LÓPEZ, Diego Rivera *et. al.* Funcionamiento discursivo de la extrema derecha chilena en prensa y TikTok. Revisionismo histórico a 50 años del Golpe de Estado. **Letras**

(Lima), [S.L.], v. 95, n. 141, p. 304-324, 30 jun. 2024. Universidad Nacional Mayor de San Marcos.

MECHI, Patrícia; SPYER, Tereza; (Org.). **Extrema-direita e neoconservadorismo na América Latina e no Caribe**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023.

MELO, Demian. Bezerra. de (org.). **A Miséria da Historiografia: uma crítica ao revisionismo contemporâneo**. Rio de Janeiro: Consequência, 2014.

NAPOLITANO, Marcos. **1964: história do regime militar brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014.

NAPOLITANO, Marcos. Recordar é vencer: as dinâmicas e vicissitudes da construção da memória sobre o regime militar brasileiro. **Antíteses**, [S. I.], v. 8, n. 15esp, p. 9-44, 2015.

NAPOLITANO, Marcos. Revisionismo: doença infantil do Negacionismo? In: SCHURSTER, K.; GHERMAN, M.; VASQUEZ, O. (Orgs.). **Negacionismo: a construção social do fascismo no tempo presente**. Recife: EDUPE, 2022, p. 111-142.

PEREIRA, Matheus Henrique de Faria.; ARAUJO, Valdei Lopes de. O passado como distração: Modos de vestir a história no neopopulismo brasileiro. **Revista de Teoria da História**, Goiânia, v. 25, n. 2, p. 70-88, 2023.

PEREIRA, Matheus. Henrique de Faria. **Lembrança do presente: ensaios sobre a condição histórica na era da internet**. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

REIS, Daniel Aarão. **Ditadura militar, esquerdas e sociedade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

SILVA, Danillo da Conceição Pereira. Embates Semiótico-Discursivo em Redes Digitais Bolsonaristas: populismo, negacionismo e ditadura. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, [S.L.], v. 59, n. 2, p. 1171-1195, ago. 2020.

SILVA, Rogério Anderson da. **Ditadura Brasileira: os usos da história na construção de narrativas antidemocráticas nas postagens em grupos do facebook: desafios para o ensino**. 2023. 129 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2023.

Recebido em novembro de 2024  
Aceito em dezembro de 2024